

Apresentação

À exceção das resenhas ao final do presente volume, as contribuições reunidas aqui reproduzem, quase que na sua integridade, as conferências públicas apresentadas durante o Seminário Anual da Área de Concentração “Filosofia da Religião”, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF). Realizou-se, o referido seminário, de 10 a 12 de setembro de 2004, no Auditório Arnaldo Janssen em Juiz de Fora-MG, graças a um gesto gentil e simpático do CES-JF. De igual modo, a publicidade do evento pôde ser ampliada graças à colaboração generosa da Editora Vozes. Reuniram-se, na ocasião, em média de cinquenta pessoas para as várias conferências. Num evento desta natureza, em que se trataram assuntos filosóficos numa perspectiva mais rigorosa, isso não deixa de ser algo quase surpreendente em se tratando da Manchester mineira.

O objetivo maior do seminário era, na ocasião, congregar um grupo de especialistas em filosofia geral, epistemologia e, sobretudo, filosofia da religião. Estes deveriam tratar, por um lado, de temas clássicos dessa disciplina, e por outro, fazer isso ao menos em grande parte através da discussão mais detida de aspectos importantes da filosofia de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling. Daí intitular-se o seminário, em sua edição de 2004, precisamente “Schelling e Sua Influência na Filosofia da Religião”. De modo mais geral, o grupo de pesquisadores entendia o seminário como um primeiro passo em um projeto a concretizar: um projeto de reedição contínua e periódica de jornadas filosófico-religiosas no sudeste e, por que não, no Brasil. Via-se, portanto, como grupo nucleador de um esforço mais amplo que visava criar um espaço institucional próprio para a filosofia da religião no ambiente que lhe é mais propício: o dos estudos e pesquisas nas áreas de filosofia, mas também de teologia e ciências da religião. Tal esforço viu-se recompensado de várias maneiras, mais recentemente com a criação e aprovação, no início de

2005, do GT de Filosofia da Religião no âmbito da ANPOF. Em conexão com este processo de institucionalização e integração de pesquisas, já para este ano de 2005 está previsto, no mês de novembro e nas dependências da UnB em Brasília, o 1º Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião.

No tocante aos “temas clássicos” da filosofia da religião, o seminário de 2004 tocou em vários deles numa perspectiva histórico-filosófica e, em grau talvez menor, filosófico-sistemática. Tratou-se, em diversos momentos, ou mais em conexão ora com uma, ora com outra conferência, de temas como a dimensão antropológico-filosófica da liberdade em sua conexão com uma metafísica do Uno e Infinito; do sentido filosófico do conceito de revelação; da dimensão filosófico-teológica da liberdade; da importante noção de experiência religiosa; da(s) epistemologia(s) requerida por uma filosofia da religião contemporânea; das teorias da verdade na filosofia da religião; e, não por último, da crítica filosófica da religião vivida e/ou politicamente instrumentalizada.

A maior parte destes temas foram ventilados e amiúde debatidos num ambiente de extrema cordialidade e rigor acadêmico, sem perder de vista, nos momentos mais cruciais, sua significação imediata para o filosofar de Schelling e para um filosofar por ele inspirado. Deve-se reconhecer que apenas uma parte dos artigos, como o leitor e a leitora poderão depreender, trata diretamente da “influência” de Schelling em autores posteriores. Mas não poderia ser de outro modo, pois também vimos por bem buscar “origens” distantes ou mais próximas do pensamento filosófico schellinguiano – razão por que se propuseram conferências sobre Plotino e Spinoza. Também foi interessante recuperar perspectivas não diretamente ligadas ao filosofar de Schelling, mas que com ele compartilham a importante ênfase na experiência religiosa e, ao menos em princípio, na viabilidade de aproveitar o conceito de revelação para a filosofia em geral e para a filosofia da religião em particular.

A seqüência dos trabalhos publicados neste número de *Numen* reproduz, de maneira aproximada, a ordem em que foram apresentados no seminário “Schelling e Sua Influência na Filosofia da Religião”.

Começamos nossa travessia segura ao longo de nosso itinerário de indagação com a contribuição *A alma como princípio de liberdade e o infinito em Plotino*, de nosso querido colaborador, professor participante do PPCIR-UFJF, Antônio Henrique Campolina Martins. Em seu trabalho, em que discorre sobre tópicos tais que alma, liberdade, transcendência e metafísica em Plotino, Campolina conclui que “a subjetividade é (...) inseparável da transcendência; não é possível descobrir-se a si mesmo sem ultrapassar-se”, e que “sob o aspecto da metafísica da transcendência existe uma afinidade autêntica entre Plotino e Schelling”.

Em seguida, também preparando a discussão mais direta com a filosofia da religião em e a partir de Schelling, nosso incansável interlocutor no estudo da religião, Antonio Gouvêa Mendonça, revela o interesse filosófico que anima o cientista social da religião. O longo ensaio *Baruch de Espinosa e a Bíblia: notas à margem do Tratado Teológico-Político* acaba por comprovar, indiretamente, as condições modificadas que começam a pressupor os estudos filosófico-religiosos na modernidade. No tocante a Spinoza, Mendonça conclui basicamente que “o filósofo acaba se antecipando à futura crítica literária da Bíblia que se iniciaria no século seguinte”. Com isso está dada, a nosso ver, e o mais tardar desde Spinoza, a necessidade de uma ocupação especulativa com a religião, que entenda sua constituição histórica em correlação com sua essência mais íntima.

Num segundo bloco, oferecemos ao leitor estudos situados na vizinhança mais imediata de Schelling. De minha própria pena, apresento o texto *Dependência e liberdade: Schleiermacher, Schelling e os modos da relação com o absoluto*, que aqui é publicado na íntegra, tendo sido antes apresentado, assim como as contribuições de Eduardo Gross e Paulo Afonso de Araújo constantes neste volume, numa sessão sobre Filosofia da Religião na última ANPOF, em Salvador da Bahia. Procura-se mostrar, com base em textos dos autores, que “Schelling e Schleiermacher buscam coadunar (...) amplamente, na apreensão do Absoluto, as idéias de dependência e liberdade”, o que certamente tem implicações para uma antropologia filosófica corretamente situada.

Já em seu artigo *Elementos do pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich*, o professor Eduardo Gross explora e detalha a importância de Schelling para o pensamento de Paul Tillich. Partindo do fato de que “Tillich (...) escreveu duas teses sobre Schelling”, o autor busca demonstrar que este autor também toma do filósofo idealista “intuições básicas para compor a estrutura do seu próprio sistema”. O trabalho de Gross vem juntar-se ao crescente número de estudos tillichianos no Brasil. Mesmo ao reconhecer diferenças de ênfase e eventualmente de intenção, seu interesse está, entre outras coisas, em sugerir a proximidade de filosofia e teologia tanto na reflexão do pensador idealista como na obra do teólogo da correlação – o qual nunca deixou de ocupar-se com a filosofia e demonstrar profundidade filosófica em seu influente pensamento.

No seu ensaio intitulado *Heidegger, Schelling e a Liberdade*, a doutora em filosofia e professora na UFBA, Acylene Maria Cabral Ferreira, brinda-nos com uma exploração audaciosa e equilibrada de conexões internas entre o pensamento de Schelling e Heidegger. O tema central descortinado em Schelling, como seria de se esperar de uma meditação a partir de Heidegger, é o da liberdade. Mais especificamente, a autora objetiva “correlacionar o conceito de abismo em Schelling com o conceito de diferença ontológica em Heidegger através dos conceitos de liberdade, fundamento, existência e transcendência”. Ao final da análise, pode ela afirmar que “a liberdade é o sem-fundamento, o abismo, que funda o fundamento de toda e qualquer realidade”. Embora o estudo em pauta não se aplique ao campo mais delimitado de uma filosofia da religião, ele certamente demarca uma região a partir da qual seria possível, e foi possível – ao menos para Schelling! – desenvolvê-la.

Na contribuição de nosso companheiro de área, colega e coordenador do PPCIR, Paulo Afonso de Araújo – que aqui aparece sob o título *Filosofia e Experiência Religiosa em Luigi Pareyson, Lector de Schelling* – trata-se de sondar a fase conclusiva do itinerário de pensamento de um importante filósofo italiano da contemporaneidade. Em especial, quer-se indicar, a partir do trabalho com os textos schellingianos e

pareysonianos, “como Luigi Pareyson concebe, a partir de um fecundo diálogo com Schelling, a última etapa de seu pensamento como uma íntima relação entre filosofia e experiência religiosa, capaz de prosseguir com o filosofar além dos limites da contraposição entre racionalismo e irracionalismo”. O autor traz, assim, uma reflexão contemporânea inspirada por elementos do idealismo alemão em sua forma schellingiana que são ainda pouco estudados em nosso meio.

Como último trabalho, e como única contribuição de um terceiro bloco de um número originalmente maior de conferências, o colega da Universidade de Brasília e grande incentivador dos estudos de filosofia da religião no Brasil, Agnaldo Cuoco Portugal, apresenta-nos *Epistemologia da experiência religiosa: uma comparação entre Alston e Swinburne*. Embora Schelling não seja, à exceção de uma menção introdutória, o objeto desta contribuição, fica patente que o interesse se dedica a algo que também ocupou de perto o pensamento do filósofo alemão: o problema da experiência religiosa como algo que não pode simplesmente ser eliminado por explicações, mas que requer uma atenção mais detida e ponderada da filosofia. O interesse do autor é eminentemente epistemológico, dirigindo-se à experiência religiosa tendo em vista “a justificação racional da crença em Deus”. Para isso, a análise crítica centra-se em dois autores da tradição filosófica anglo-saxã atual, Richard Swinburne e William Alston, que assumem, “cada um (...) a seu modo o legado deixado pelo trabalho pioneiro de William James”. O professor Portugal compara ambas propostas e tenta “uma alternativa de combiná-las”.

Na seção de resenhas, aproveitamos, num primeiro momento, para apresentar mais um fruto dos estudos levinasianos no âmbito do PPCIR. Vem a nós do mestrando Klinger Scoralick. Intitulou-a Deus além do ser, lidando diretamente com o livro *De Deus* que vem à idéia, de Emmanuel Lévinas, e visa, em primeira linha, divulgá-lo ainda mais.

Num segundo momento, ofereço, de minha própria pena, e sob o título *Meister Eckhart, Fichte e os Destinos da Mística*, uma resenha da tese doutoral de Katharina Ceming, defendida

na Universidade de Augsburg e publicada na Alemanha sob o título *Mystik und Ethik bei Meister Eckhart und Johann Gottlieb Fichte*. Resenho a obra sobretudo devido a meu interesse pela mística e sua recepção, quiçá transformação filosófica, no contexto da filosofia clássica alemã.

A todos e a todas desejamos, tanto eu como o Editor Geral de *Numen*, Dr. Eduardo Gross, uma produtiva leitura.

Luis H. Dreher